

Os segredos que guardamos

Lara Prescott

Tradução de Alessandra Esteche



SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

PRÓLOGO As datilógrafas

ORIENTE: 1949-1950

CAPÍTULO 1 A musa

OCIDENTE: Outono de 1956

CAPÍTULO 2 A candidata

CAPÍTULO 3 As datilógrafas

CAPÍTULO 4 A andorinha

ORIENTE: 1950-1955

CAPÍTULO 5 A mulher reabilitada

CAPÍTULO 6 O habitante das nuvens

CAPÍTULO 7 A emissária

OCIDENTE: Fevereiro - outono de 1957

CAPÍTULO 8 A mensageira

CAPÍTULO 9 As datilógrafas

ORIENTE: 1956

CAPÍTULO 10 O agente

CAPÍTULO 11 A emissária

OCIDENTE: Outono de 1957 - agosto de 1958

CAPÍTULO 12 A mensageira

CAPÍTULO 13 A andorinha

CAPÍTULO 14 O funcionário exemplar

CAPÍTULO 15 A andorinha

CAPÍTULO 16 A mensageira

CAPÍTULO 17 As datilógrafas

CAPÍTULO 18 A mensageira

ORIENTE: Maio de 1958

CAPÍTULO 19 A mãe

OCIDENTE: Junho a setembro de 1958

CAPÍTULO 20 As datilógrafas

CAPÍTULO 21 A freira

ORIENTE: Setembro a outubro de 1958

CAPÍTULO 22 O premiado

OCIDENTE: Outubro a dezembro de 1958

CAPÍTULO 23 A informante

ORIENTE: Outubro a dezembro de 1958

CAPÍTULO 24 A emissária

OCIDENTE: Dezembro de 1958

CAPÍTULO 25 A desertora

ORIENTE: Janeiro de 1959

CAPÍTULO 26 A agente do correio

OCIDENTE: Verão de 1959

CAPÍTULO 27 A estudante

ORIENTE: 1960-1961

CAPÍTULO 28 A quase viúva

EPÍLOGO As datilógrafas

NOTA DA AUTORA E AGRADECIMENTOS

Sobre a autora

Leia também

PRÓLOGO

AS DATILÓGRAFAS

Datilográvamos cem palavras por minuto e nunca pulávamos uma sílaba sequer. Cada uma de nossas mesas idênticas era equipada com uma máquina de escrever Royal Quiet Deluxe com estojo verde, um telefone de disco Western Electric preto e uma pilha de blocos de anotação amarelos. Nossos dedos voavam pelas teclas. As batidas eram constantes. Parávamos apenas para atender ao telefone ou dar uma tragada em um cigarro; algumas conseguiam fazer as duas coisas sem perder o ritmo.

Os homens chegavam por volta das dez. Uma a uma, eles nos chamavam a seus escritórios. Sentávamos em cadeiras pequenas encostadas em um canto enquanto eles sentavam atrás de suas mesas enormes de mogno ou caminhavam pelo carpete falando com o teto. Ouvíamos. Registrávamos. Éramos a plateia para um de seus memorandos, relatórios, exposições, pedidos de almoço. Às vezes eles esqueciam que estávamos ali, e descobríamos muito mais: quem estava tentando neutralizar quem, quem estava tentando obter vantagem, quem estava tendo um caso, quem estava em alta e quem estava em baixa.

Às vezes, se referiam a nós não pelo nome, mas pela cor do cabelo ou tipo de corpo: Loirinha, Ruiva, Peitão. Também tínhamos apelidos secretos para eles: Apalpador, Bafo de Café, Dentuço.

Eles nos chamavam de garotas, mas não éramos garotas.

Chegamos à Agência após ter estudado em Radcliffe, Vassar, Smith.

Éramos as primeiras filhas de nossas famílias a conquistar diplomas. Algumas de nós falavam mandarim. Algumas sabiam pilotar aviões. Algumas manipulavam um Colt 1873 melhor do que John Wayne. Mas tudo o que nos perguntaram ao sermos entrevistadas foi: “Você sabe datilografar?”

Dizem que a máquina de escrever foi feita para as mulheres — que para fazer as teclas cantarem é necessário o toque feminino; que nossos dedos finos são adequados para o instrumento; que, enquanto os homens reivindicam carros, bombas e foguetes, a nossa máquina é a de escrever.

Bem, não temos certeza disso. Mas o que admitimos é que, à medida que datilográvamos, nossos dedos foram se tornando extensões de nossos cérebros, sem espaço entre as palavras que saíam da boca daqueles homens — palavras que eles nos diziam para depois esquecer — e nossas teclas pintando o papel. E, considerando isso tudo, a mecânica da coisa toda, é quase poesia. Quase.

Mas será que dores de cabeça, punhos doloridos e má postura eram nossa aspiração? Era com isso que sonhávamos na escola quando estudávamos duas vezes mais do que os garotos? Era o trabalho burocrático que tínhamos em mente ao abrir os envelopes pardos espessos que continham cartas de aceitação das faculdades? Ou que pensávamos que esse era o nosso destino à medida que nos sentávamos naquelas cadeiras brancas de madeira no meio do auditório, vestindo nossas becas, recebendo os pergaminhos enrolados que garantiam que estávamos qualificadas a fazer muito mais?

A maioria de nós via o trabalho de datilografia como temporário. Jamais admitiríamos em voz alta — nem mesmo umas para as outras —, mas muitas de nós acreditávamos que seria o primeiro passo para alcançar o que os homens conseguiam assim que saíam da faculdade:

cargos de oficiais, nossos próprios escritórios com luminárias cujas luzes nos favorecessem, tapetes felpudos, mesas de madeira, nossos próprios datilógrafos registrando *nosso* ditado. Considerávamos aquele trabalho um início, não um fim, apesar de tudo o que ouvimos a vida inteira.

Outras mulheres chegavam à Agência não para iniciar suas carreiras, mas para encerrá-las. Remanescentes da OSS, onde tinham se tornado lendas durante a Guerra, eram relíquias relegadas à datilografia ou ao departamento de registros ou a alguma mesa em um canto sem nada para fazer.

Como Betty. Durante a Guerra, ela organizava operações clandestinas, nas quais minava o moral dos inimigos plantando notícias e jogando panfletos de aviões. Diziam que ela forneceu dinamite a um homem que explodiu um trem de suprimentos durante a travessia de uma ponte em algum lugar na Birmânia. Não havia como ter certeza quanto ao que era verdade e o que não era: os antigos registros da OSS costumavam desaparecer. Mas o que sabíamos era que, na Agência, a mesa de Betty ficava entre as nossas, e os homens da Ivy League que foram seus colegas durante a Guerra tinham se tornado chefes dela.

Pensamos em Virginia, sentada em uma mesa semelhante — o cardigã amarelo grosso amarrado nos ombros qualquer que seja a estação do ano, um lápis preso no coque no alto da cabeça. Pensamos no único pé de chinelo felpudo azul embaixo de sua mesa — ela não precisava do outro, uma vez que sua perna tinha sido amputada depois de um acidente de caça na infância. Ela chamava a prótese de Cuthbert e, quando bebia demais, a tirava e dava na mão de alguém. Virginia raramente falava sobre o tempo que passara na OSS e, para quem não ouvisse as histórias sobre seus dias de espia por terceiros, ela pareceria só mais uma funcionária antiga do governo. Mas nós ouvíamos as histórias.

Como a vez em que ela se disfarçou de leiteira e levou uma manada de vacas e dois combatentes da Resistência Francesa até a fronteira. E como a Gestapo a considerava uma das espiãs mais perigosas das Aliadas — com Cuthbert e tudo. Às vezes, Virginia passava por nós no corredor, ou pegávamos o elevador com ela, ou a encontrávamos esperando o ônibus da linha 16 na esquina da E com a Twenty-First. Queríamos parar e perguntar sobre os dias em que enfrentara os nazistas — se ainda pensava naquela época enquanto estava sentada em sua mesa esperando pela próxima guerra, ou que alguém lhe dissesse para ir embora.

Eles tentaram se livrar das garotas da OSS durante anos — elas não tinham utilidade na nova guerra fria deles. Os mesmos dedos que um dia puxaram gatilhos agora eram mais adequados para a máquina de escrever, pelo que parecia.

Mas quem éramos nós para reclamar? Tratava-se de um bom emprego, e éramos sortudas por tê-lo. E com certeza parecia mais emocionante do que a maioria dos trabalhos no governo. Departamento de Agricultura? Do Interior? Dá para imaginar?

A Divisão Soviética, ou DS, se tornou nossa segunda casa. E, assim como a Agência era conhecida por ser um clube do Bolinha, nós formamos nosso próprio grupo. Passamos a pensar em nós mesmas como *o setor de datilografia* e nos tornamos mais fortes por isso.

Além do mais, a ida e a volta não eram ruins. Usávamos ônibus ou bondes quando chovia e caminhávamos em dias agradáveis. A maioria de nós morava em bairros vizinhos ao Centro: Georgetown, Dupont, Cleveland Park, Cathedral Heights. Morávamos sozinhas em prédios sem elevadores, em estúdios tão pequenos que quase dava para deitar e encostar a cabeça e os dedos dos pés em paredes opostas. Vivíamos nas últimas pensões que ainda existiam na Massachusetts Avenue, com

fileiras de beliches e toque de recolher às dez e meia. Muitas vezes tínhamos colegas de quarto — outras moças do governo com nomes como Agnes ou Peg, que sempre deixavam seus bobes de espuma cor-de-rosa na pia ou manteiga de amendoim grudada na parte de trás da faca de manteiga, ou absorventes mal embrulhados na lixeirinha ao lado da pia.

Só Linda Murphy era casada na época, e recém-casada. As casadas nunca ficavam por muito tempo. Algumas continuavam até engravidar, mas, na maioria das vezes, assim que o anel de noivado era colocado, elas planejavam a partida. Comíamos bolo da Safeway na sala de descanso na despedida. Os homens vinham pegar uma fatia e dizer que estavam muito tristes por vê-las partir; mas percebíamos o brilho em seus olhos enquanto eles pensavam na garota nova, mais jovem, que poderia entrar no lugar. Prometíamos manter contato, mas, depois do casamento e do bebê, elas se acomodavam nos cantos mais distantes do Distrito — lugares para onde era preciso pegar um táxi ou dois ônibus, como Bethesda, Fairfax ou Alexandria. Talvez fizéssemos a viagem até lá no primeiro aniversário do bebê, mas qualquer coisa depois disso era improvável.

A maioria de nós era solteira, priorizava a carreira, uma escolha que precisávamos repetir diversas vezes aos nossos pais que não era uma declaração política. Claro, eles ficaram orgulhosos quando terminamos a faculdade, mas a cada ano que passávamos focadas na carreira em vez de nos bebês, eles ficavam mais confusos com nosso estado matrimonial e nossa decisão bastante ímpar de viver em uma cidade construída sobre um pântano.

E, claro, no verão, a umidade de Washington era densa como um cobertor molhado, e os mosquitos, listrados como tigres e ferozes. Pela

manhã, nossos cachos, feitos na noite anterior, murchavam assim que colocávamos o pé na rua. Os bondes e ônibus pareciam saunas, mas cheiravam a esponjas podres. Para além de uma ducha fria, não havia momento algum em que fosse possível se sentir menos do que suada e desganhada.

O inverno não oferecia muito alívio. Nós nos encasacávamos e saíamos correndo do ponto de ônibus com a cabeça abaixada para evitar os ventos que sopravam do gelado rio Potomac.

No outono, no entanto, a cidade ganhava vida. As árvores ao longo da Connecticut Avenue pareciam fogos de artifício alaranjados e vermelhos. E a temperatura era deliciosa, não precisávamos nos preocupar com nossas camisas encharcando nas axilas. Os vendedores de cachorro-quente serviam castanhas assadas no fogo em saquinhos de papel — a porção perfeita para uma caminhada até em casa no fim da tarde.

E cada primavera trazia cerejeiras em flor e ônibus lotados de turistas que caminhavam pelos monumentos e, sem dar atenção às várias placas, arrancavam as flores brancas e cor-de-rosa e enfiavam-nas atrás da orelha ou no bolso do paletó.

O outono e a primavera no Distrito eram épocas para se aproveitar, e nesses momentos parávamos e sentávamos em um banco ou fazíamos um desvio em volta do espelho d'água do Lincoln Memorial. É claro que, dentro do complexo da Agência na E Street, as luzes fluorescentes lançavam uma claridade forte sobre tudo, exagerando o brilho em nossa testa e os poros em nosso nariz. Mas, quando saíamos no fim do dia e o ar fresco atingia nossos braços nus, quando escolhíamos pegar o caminho mais longo para casa passando pelo National Mall, era nesses momentos que a cidade no pântano se tornava um cartão-postal.

Mas também nos lembramos dos dedos e dos punhos doloridos e dos memorandos e relatórios e ditados intermináveis. Datilográvamos tanto que algumas de nós chegavam a sonhar que estavam datilografando. Mesmo anos depois, os homens com quem dividíamos nossas camas comentavam que nossos dedos às vezes se contorciam enquanto dormíamos. Nos lembramos de olhar para o relógio a cada cinco minutos nas tardes de sexta. Nos lembramos dos cortes de papel, do papel higiênico áspero, de como o piso de madeira do saguão cheirava a sabão Murphy nas manhãs de segunda e nosso salto deslizava durante dias depois que o chão era encerado.

Nos lembramos da fileira única de janelas que revestia a parede dos fundos da DS — altas demais para se enxergar lá fora, e tudo o que víamos era o prédio cinza do Departamento de Estado do outro lado da rua, exatamente como o nosso prédio cinza. Especulávamos sobre o setor de datilografia deles. Como elas eram? Como eram suas vidas? Elas olhavam pelas janelas para nosso prédio cinza e se perguntavam a nosso respeito?

Na época, os dias pareciam muito longos e diferentes entre si; mas agora eles se misturam. Não sabemos dizer se foi em 1951 ou 1955 a Festa de Natal em que Walter Anderson derramou vinho tinto em toda a frente da camisa e ficou desmaiado na recepção com um bilhete preso à lapela que dizia “não ressuscitar”. Nem lembramos se Holly Falcon foi demitida por deixar que um oficial visitante tirasse fotos dela nua na sala de conferências do segundo andar, ou se foi promovida por causa das mesmas fotos e demitida logo depois por algum outro motivo.

Mas há outras coisas de que nos lembramos.

Se alguém viesse à Sede e notasse uma mulher em um elegante terno verde de *tweed* seguindo um homem até seu escritório, ou uma mulher

de salto vermelho e suéter de lã angorá que combinavam na recepção, provavelmente pensaria que eram datilógrafas ou secretárias, e estaria certo. Mas também estaria errado. *Secretária*: uma pessoa a quem se confia um segredo. Do latim *secretus*, *secretum*. Todas datilográvamos, mas algumas de nós faziam mais do que isso. Não dizíamos uma só palavra sobre o trabalho que fazíamos depois de cobrir nossas máquinas no fim de cada dia. Ao contrário de alguns dos homens, sabíamos guardar segredo.

ORIENTE

1949-1950



CAPÍTULO 1

A MUSA

Quando os homens de terno preto vieram, minha filha ofereceu-lhes chá. Os homens aceitaram, educados como se tivessem sido convidados. Mas, quando começaram a esvaziar as gavetas da escrivaninha, tirar livros das prateleiras, virar colchões, vasculhar armários, Ira tirou a chaleira do fogão e colocou as xícaras e os pires de volta no armário.

Quando um homem que trazia uma caixa grande ordenou aos demais que encaixotassem qualquer coisa que fosse útil, meu filho mais novo, Mitia, foi até a varanda, onde mantinha sua fêmea de ouriço. Ele a embrulhou no suéter, como se os homens também fossem encaixotar o animal de estimação. Um dos homens — aquele que mais tarde deixaria sua mão descer por minhas costas enquanto me colocava no carro preto — apoiou a mão na cabeça de Mitia e chamou-o de bom garoto. Mitia, o doce Mitia, empurrou a mão do homem em um movimento violento e se retirou para o quarto que dividia com a irmã.

Minha mãe, que estava na banheira quando os homens chegaram, saiu vestindo apenas um roupão — o cabelo ainda molhado, o rosto corado.

— Eu disse que isso ia acontecer. Eu disse que eles viriam.

Os homens revistaram as cartas que recebi de Boris, minhas anotações, listas de compras, recortes de jornal, revistas, livros.

— Eu disse que isso só traria dor, Olga.

Antes que eu pudesse responder, um dos homens segurou meu braço — mais como um amante do que como alguém enviado para me prender — e, com a respiração quente em meu pescoço, disse que era hora de irmos. Congelei. Foram necessários os berros dos meus filhos para me trazer de volta ao presente. A porta se fechou atrás de nós, mas os gritos deles ficaram ainda mais altos.

O carro virou duas vezes à esquerda e, depois, uma à direita. Mais uma direita. Eu não precisava olhar pela janela para saber aonde os homens de terno preto estavam me levando. Fiquei enjoada e disse isso ao que estava ao meu lado, que cheirava a cebola frita e repolho. Ele abriu a janela — uma pequena gentileza —, mas o enjoo persistiu e, quando o prédio grande de tijolos amarelos apareceu, senti a ânsia.

Quando era criança, me ensinaram a prender a respiração e esvaziar a mente ao passar pela Lubianca — diziam que o ministro da Segurança do Estado percebia quando alguém nutria pensamentos antissoviéticos. Na época, eu não fazia a menor ideia de o que eram pensamentos antissoviéticos.

O carro passou por uma rotatória e depois pelos portões que davam para o pátio da Lubianca. Minha boca se encheu de bile, que logo engoli. Os homens sentados ao meu lado se afastaram o máximo que puderam.

O carro parou.

— Qual é o prédio mais alto de Moscou? — perguntou o homem que cheirava a cebola e repolho, abrindo a porta.

Senti mais uma onda de náusea e me inclinei para a frente, devolvendo os ovos fritos do café sobre os paralelepípedos, quase acertando os sapatos pretos sem graça do homem.

— Lubianca, é claro — falou. — Dizem que dá para enxergar até a Sibéria do porão.

O segundo homem riu e apagou o cigarro na sola do sapato.
Cuspi duas vezes e limpei a boca com as costas da mão.

—

Dentro do prédio de tijolos amarelos, os homens de terno preto me entregaram para duas guardas mulheres, mas não sem antes me dar uma olhada que dizia que eu deveria agradecer por não serem eles que me levariam até a cela. A mulher maior, que tinha uma sombra de bigode, ficou sentada em uma cadeira de plástico azul enquanto a menor pedia que eu tirasse a roupa com a voz tão suave que era como se estivesse convencendo uma criança a usar o vaso. Tirei o casaco, o vestido e os sapatos e fiquei com a roupa de baixo cor de pele enquanto a mulher menor tirava meu relógio e meus anéis. Ela os jogou em um recipiente de metal, gerando um barulho que ecoou nas paredes de concreto, e fez sinal para que eu abrisse o sutiã. Recuei, cruzando os braços.

— Precisamos dele — disse a mulher na cadeira azul, as primeiras palavras que dirigiu a mim. — Você pode se enforcar.

Abri o fecho e tirei o sutiã, o ar frio atingindo meu peito. Senti os olhos dela examinando meu corpo. Mesmo nessas circunstâncias, as mulheres avaliam umas às outras.

— Você está grávida? — perguntou a mulher maior.

— Sim — respondi. Foi a primeira vez que admiti em voz alta.

A última vez que Boris e eu fizéramos amor tinha sido uma semana depois de ele terminar comigo pela terceira vez.

— Terminou — dissera ele. — Precisa terminar.

Eu estava destruindo a família dele. Eu era a causa de sua dor. Ele falara tudo isso enquanto caminhávamos por uma ruela próxima à Arbat, e eu caí no umbral da porta de uma padaria. Ele foi me levantar, e gritei

que me deixasse em paz. As pessoas pararam e ficaram olhando para nós.

Na semana seguinte, ele estava na minha porta. Trazia um presente: um quimono japonês luxuoso que suas irmãs conseguiram para ele em Londres.

— Experimente para mim — implorou ele.

Me escondi atrás do biombo e vesti o quimono. O tecido era duro e não me favorecia, fazendo uma onda na barriga. Era grande demais... talvez ele tivesse dito às irmãs que o presente era para a esposa. Odiei e disse a ele. Ele riu.

— Então tire — suplicou.

E eu tirei.

Um mês depois, minha pele começou a formigar, como se eu tivesse mergulhada em um banho quente depois de vir do frio. Já tinha sentido aquilo antes, com Ira e Mitia, e soube que estava carregando um filho dele.

— Um médico irá vê-la em breve, então — disse a guarda menor.

Elas me revistaram, pegaram tudo, me deram um guarda-pó cinza grande e chinelos dois números maiores do que os meus pés e me levaram até uma cela de cimento contendo apenas um colchonete e um balde.

Me deixaram ali por três dias, e me deram *kasha* e leite azedo duas vezes ao dia. Um médico veio me examinar, embora apenas para confirmar o que eu já sabia. Eu devia muito ao bebê que crescia dentro de mim por evitar que eu sofresse as coisas mais terríveis que soube que aconteciam com mulheres naquela cela.

Depois de três dias, me transferiram para uma cela grande, também de cimento, com outras quatorze prisioneiras. Me deram uma cama de metal aparafusada no chão. Deitei assim que um dos guardas fechou a

porta.

— Você não pode dormir agora — disse uma jovem sentada na cama ao lado. Tinha braços finos e feridas nos cotovelos. — Eles virão acordá-la. — Ela apontou para as luzes fluorescentes brilhando no teto. — Não é permitido dormir durante o dia.

— E, com sorte, você vai conseguir dormir por uma hora à noite — completou outra mulher. Ela lembrava um pouco a primeira, mas parecia ter idade o suficiente para ser sua mãe. Me perguntei se eram parentes ou se ficar neste lugar, sob estas luzes fortes, usando as mesmas roupas, acabava fazendo com que todas se parecessem entre si. — É quando eles vêm nos buscar para suas *conversinhas*.

A mais jovem lançou um olhar para a mais velha.

— O que fazemos em vez de dormir? — perguntei.

— Esperamos.

— E jogamos xadrez.

— Xadrez?

— É — disse uma terceira mulher, que estava sentada à mesa que ficava do outro lado da cela. Ela mostrou um dedal transformado em um cavalo. — Você joga?

Eu não jogava, mas aprenderia em um mês de espera.

—

Os guardas vinham mesmo. Toda noite, pegavam uma mulher por vez e a devolviam à Cela nº 7 algumas horas mais tarde, com os olhos vermelhos e calada. Eu me preparava todas as noites para ser levada, mas mesmo assim fiquei surpresa quando finalmente vieram.

Fui acordada pela batida de um cassetete de madeira contra meu ombro nu.

*image
not
available*

~~É sobre a Moscou antiga.~~

~~É sobre a Rússia antiga.~~

~~É sobre amor.~~

~~É sobre nós.~~

Doutor Jivago *não é antissoviético.*

Quando Semionov voltou uma hora depois, entreguei a carta a ele, que deu uma olhada na folha e a virou.

— Pode tentar de novo amanhã à noite.

Ele amassou o papel em uma bola, jogou no chão e fez sinal aos guardas para que me levassem.

X X X

Noite após noite, um guarda vinha me buscar, e Semionov e eu tínhamos nossas conversinhas. E noite após noite, meu humilde interrogador me fazia as mesmas perguntas: *Sobre o que é o romance? Por que ele está escrevendo? Por que você está protegendo ele?*

Eu não lhe disse o que queria ouvir: que o romance era crítico à revolução. Que Boris rejeitara o realismo socialista para escrever sobre personagens que viveram e amaram de acordo com seus corações, qualquer que fosse a influência do Estado.

Eu não lhe disse que Boria começou a escrever o romance antes de nos conhecermos. Que Lara já estava em sua cabeça — e que, nas primeiras páginas, sua heroína lembrava sua esposa, Zinaida. Eu não lhe disse que, com o passar do tempo, Lara acabou se transformando em mim. Ou talvez eu tenha me transformado nela.

Eu não lhe disse que Boria tinha me chamado de musa, que naquele primeiro ano juntos ele me contou que fez mais progresso com o

*image
not
available*

A noite começou como qualquer outra. Fui acordada com o cutucão de um cassetete e levada até a sala de interrogatório. Sentei-me diante de Semionov e recebi uma folha nova.

Então, bateram à porta. Um homem de cabelos quase azuis de tão brancos entrou na sala e disse a Semionov que o encontro fora providenciado. O homem virou-se para mim.

— Você pediu por um encontro, agora vai ter.

— Eu pedi? — perguntei. — Com quem?

— Pasternak — respondeu Semionov, com a voz mais alta e severa na presença do outro homem. — Ele está esperando por você.

Eu não acreditei. Mas, quando me colocaram na parte de trás de um furgão sem janelas, me permiti acreditar. Ou melhor, não consegui conter o mínimo de esperança. A ideia de vê-lo, mesmo naquelas circunstâncias, foi a maior alegria que senti desde o primeiro chute do nosso bebê.

—

Chegamos a outro prédio do governo, e fui levada por uma série de corredores e vários lances de escada. Quando chegamos a uma sala escura no porão, eu estava exausta e suada e não pude deixar de pensar em Boria me vendo naquele estado lastimável.

Olhei em volta, absorvendo a sala vazia. Não havia cadeiras; não havia mesa. Uma lâmpada pendia do teto. O piso se inclinava em direção a um ralo enferrujado no centro.

— Onde ele está? — perguntei, percebendo de imediato o quanto tinha sido burra.

*image
not
available*

Quando o caminhão parou, os guardas gritaram para que descêssemos e fôssemos rápido para o trem que nos levaria ao *gulag*. Pensei nas primeiras páginas do romance de Boria, em Iúri Jivago embarcando no trem com sua família, buscando proteção nos montes Urais.

Os guardas nos sentaram em bancos em um vagão sem janelas, e, quando o trem partiu, fechei os olhos.

Moscou se irradia em círculos, como os que uma pedra lançada cria na água parada. A cidade se expande a partir do seu centro vermelho em avenidas e monumentos e em prédios residenciais — cada um mais alto e mais largo do que o seguinte. Então vêm as árvores, e, então, o campo, e, depois, a neve, e mais neve.